

GIRIA PORTUGUESA

GIRIA PORTUGUESA

I

LEMBRANÇAS CURIOSAS

O artigo do S.^{or} C. A. Landolt, publicado a pág. 54-55 da *Revista do Minho*, sugeriu-me as seguintes notas:

Com raro senso crítico, o P.^o D. Jerónimo Contador de Argote, nas *Regras da Lingua portuguesa* (conheço só a 2.^a ed., que é de 1725, Lisboa; a 1.^a ed. é de 1721) enumera, e até certo ponto caracteriza, pela primeira vez de modo tão extenso, creio eu, alguns dialectos portugueses (1); ao lado dos dialectos propriamente ditos coloca a *giria*, e diz: «Tambem em » Lisboa, entre os homens a que chamão *de ganhar*, » ha um genero de dialecto a que chamão *giria*, de » que os taes usão algumas vezes entre si. E assim » tambem os *Siganos* tem outra especie de *giria*, por » que se entendem huns e outros » (2). Argote infelizmente não menciona vocábulo algum; encarregou-se porém dessa tarefa Fr. Luis do Monte Carmelo no seu precioso *Compendio de orthografia*, Lisboa 1767. Dêle transcrevo o que traz:

« *Giria* ou *gira* he linguagem de marotos ou brejeiros. Os mais conhecidos termos da *gira* ou *giria* são os seguintes:

arames, que significa espada,

artife he pão.

avezar he estar.
bastos sam dedos.
bola he cabeça.
baiuca he taberna.
baiqueira he taberneira.
cachimbos sam pés.
calcorrear he correr.
calcos sam sapatos.
calmar he espancar ou dar pancadas.
catropéo he cavallo.
cazebre he caza.
chêta he vintem ou dinheiro.
cria he carne de vaca.
criar he conseguir e possuir algũa coiza.
dez bofas sam dez reis.
encanhas sam meias.
falso he lenço.
faxo he páo.
gábio he chapeu.
galga he fome.
gizar he furtar.
ganchorra he mão.
ganiços significa dados.
gao he piolho.
giropa he caldo.
gris he frio.
janizaro he magano, tunante.
jorna he vagar, v. g. «estou de jorna».
jornando v. g. «estou jornando» significa não quero sahir, nam quero mover-me.
justa he casaca.
lima he camiza.
marco que se aveza he homem que está presente.

minas de caroço he muito ou muita fazenda, etc.
monteira he carapuça, barrete, etc.
pilra he cama.
pio he vinho.
púrrio he bebado.
rafa he fome.
rafar he sumir, furtar.
rede he capa ou capote.
rifar he furtar.
roda he tostão.
rustir he comer.
safar he sumir ou furtar.
surrar he furtar.
tardar he vestido.
tiba he faca.
tirantes são calções. — Pág. 613-615.

Alguns dêsses termos explicam-se muito facilmente pelo português, como *bola* (que é hoje mui usado), *catropéo* (= quatro pés), *cria*, *ganchorra* (de *gancho*, com o sufixo *-orra*), *janiçaro*, *justa*, *monteira* (a mesma significação na língua antiga), *rede*, *roda*, etc. Outros ligam-se com o vocabulário cigano, como *bastos*, *calcorrear*, *calcos*, *pio*, *rustir*, segundo se pode ver no trabalho de F. Adolfo Coelho « Les Ciganos », in *Compte-rendu* do congresso de Lisboa de 1880, pág. 667 sgs.

Eis também uma listazinha de termos de giria usados pelos garotos do Pôrto, e que eu aqui recolhi:

badejo, bacalhau.
bola, melancia. Aqui a analogia é palpável.
cabeça de preto, queijo.
cuco, guarda de policia, cfr. C. Landolt,

frade, guarda da policia, cfr. Landolt.
ganau, piolho, cfr. *gao* em Carmelo.
gargantosa, garrafa. Este é claramente derivado de
garganta.
géra, carne. Cfr. *cria* em Carmelo.
gêssô, vinho.
grão, arroz.
grilo, relógio. Cfr. Landolt. Compara-se aqui ao es-
tridor produzido pelo grilo o tic-tac do relógio.
guita, soldado da guarda municipal.
lamira, libra (= cast. *la mira*).
lárias, lírias, laranja.
patrazana, soldado da guarda municipal.
penosa, galinha. De *pena*: cfr. *gargantosa*.
pire, prato. Certamente é tirado de *pires*.
rama, corrente.

Como complemento dêste vocabulário, eis uma lista de alcunhas que os mesmos garotos usam: *Tres-Coroças*, *Malgueiraço*, *Pilha-galinhas*, *Batedor*, *Maluco*, *Salpicão*, *Sardão*, *Arrobas* (porque o sujeito é gordo), *Chapado*, *Pim-pam-pum*, *Lindo-ganau-vermelho*, *Rato*, *Zé-galego*, *Bochecha-d'alguidar*, *Carneiro-grande*, *Gatinhas*.

Vê-se que o meu vocabulário, em parte, está de acôrdo com o do S.^{or} Landolt. Farei algumas observações a êste: *bórga* não é passeio nocturno sòmente, tem também a idea de orgia, etc.; *chuzes* relaciona-se com o inglês *schoe*; *gajo* encontra-se também no trabalho de Ad. Coelho, pág. 679; *nentes* parece relacionar-se com o italiano *niente*; *verças* não é giria: na Beira-Alta, etc., é ainda mais usado do que *couves* (diz-se, por exemplo, *caldo de bérças*).

Cada classe tem, por assim dizer, seu calão especial: assim já vimos o dos garotos; há também o dos pedreiros (que em alguns pontos, por exemplo, no Minho, chamam *latim* à giria); há o dos estudantes, etc. Falta-me agora tempo para poder expôr aqui tudo o que tenho coligido, que é bastante, e para o comparar com o que conheço de outras nações (estudos de Ascoli, etc.); mas outra ocasião me desempenharei desta promessa (3).

O estudo da giria não é tão inútil como muitas pessoas, alheias a estudos de Glotologia, suporão ao repente: em primeiro lugar, importa aos tribunais, agentes de polícia, etc., conhecer as *gurias*, para assim poderem mais facilmente avaliar dos crimes e pôr em prática as leis; em segundo lugar, pela análise comparativa de vocábulos colhidos em diferentes localidades, podemos chegar a descobrir relações sociais, dignas de se conhecerem; em terceiro lugar, as *gurias* revelam operações lingüísticas muito curiosas, como na formação das palavras, na estrutura da frase, na etimologia, etc., — o que tudo tem valor para ajudar a conhecer a evolução da linguagem

Anotações:

(1) Tenciono fazer e publicar um estudo desta parte do livro de Argote, a qual se intitula assim: *Dos dialectos da lingua portugueza*. [Estudo desenvolvido nunca o publiquei; sòmente um resumo na *Esquisse d'une dialectologie*, pág. 61-62. O capítulo dos dialectos apareceu a primeira vez na edição das *Regras*, de 1725; na edição de 1721 ainda não aparece. — Hoje possuo um exemplar de cada uma das edições].

(2) Pág. 300.

(3) [Cfr. *Opusculos*, II, 301-302. Sòmente na *Etnografia Portuguesa* poderei ocupar-me do assunto, mais de espaço, se as fôrças não me faltarem, ou a vida].

(Da *Revista do Minho*, vol. I, 1885, págs. 62-64).

II

GIRIA MILITAR

Carta-prefácio do livro de Afonso do Paço, intitulado *Gírias militares*, e dividido em três partes: 1) gíria da «malta» (conjunto dos soldados portugueses que entraram na guerra europeia); 2) gíria da caserna; 3) gíria do Colégio Militar. Publicado no Pôrto em 1926.

MEU CARO AMIGO:

Pede-me a minha modesta opinião acêrca do seu livrinho. Dir-lhe-hei que deve considerar bem empregado o tempo que dispendeu na colheita e coordenação dos materiais.

A 1.^a parte, sobretudo, é cheia de novidade.

Ali se vê como o soldado português, nem diante da própria morte, perde jamais a veia zombeteira, tão nacional: a valentia, que também tanto o caracteriza, agrega inexgotavelmente riso e folgança. De que mais se necessita para que a um homem se chame heroi? Todo êsse vocabulário é uma pilha de graça, mau grado algumas amargas expressões de natural carácter fúnebre.

Vê-se além disso com que facilidade o povo analisa todos os pormenores de uma cousa ou de um facto que o impressionam, e como põe em jôgo a imaginação, para

interpretar isso. Que lembrança a de dar o nome de *caixeiro viajante* a uma granada, por ir longe, a de *carro do Chora* a um obuz, por oposto motivo, a de *Avenidas novas* às trincheiras de comunicação, a de *Ridículos* à « ordem » do Quartel General, por causa do periódico humorístico dêste nome?

Alguns dos exemplos que especifiquei mostram que longe da pátria o soldado não se esquece do lar. Outros exemplos são *bacoreira*, nome imposto pelas tropas do Alentejo à metralhadora; *ceifeira* no mesmo sentido, dado certamente também por elas. Searas e porcos são ideias que pairam sem cessar na mente do Alentejano. A pilheria da metáfora constante de *bacoreira* só se apreciará bem, sabendo-se que tal palavra na linguagem meridional significa « mulher gorda e suja » (vid. A. Th. Pires, *Vocabulário alentejano*, Elvas 1913, pág. 17).

A própria vida militar ministra exemplos de curiosas metáforas: *desertor* (pão para o rancho, por só vir de 8 em 8 dias), *ordenança* (granada que sibila por sôbre as linhas), *rancho-frio* (bombardeamento feito de manhã pelos Alemães sôbre as linhas portuguesas). Se o demopsicólogo encontra no livrinho do meu amigo matéria digna de ponderação, também o glotólogo: tantas são as provas contidas nêle dos recursos que uma língua possui para se expandir!

Assim como o meu amigo anotou várias expressões que um estrangeiro não compreenderia facilmente sem explicação, podia ter anotado, por exemplo: *almocreve das petas* (título de uma publicação de José Daniel); *calixto* (pessoa que dá azar); *fiel amigo* (bacalhau); *travessa do fala-só* (em Lisboa). O *velhinho dos very-lights*, que, segundo a lenda, percorria de noite a pri-

meira linha alemã, deitando foguetões, para dar a entender que ela estava ocupada, faz lembrar um estratagemma lendário, muito corrente na nossa tradição popular, e já vindo da antigüidade, do qual tratei na *Rev. Lusitana*, xiv, 227 ss. (animais com luzes nos galhos). Paralelo à linguagem do morteiro, *eu cá vou, eu cá vou*, é a dos sinos, que o povo traduz igualmente com frases. A interpretação satírica de letras iniciais como S. P. C. (= serviço postal em campanha), por « só para comer », e muitas outras da mesma espécie, têm um protótipo antigo em Lisboa, onde S. P. Q. R. (= senatus populusque Romanus), que se lia nos pendões de certas procissões que atravessavam outrora gravemente a capital, significavam para o vulgo: « Senhor, o povo quer república ».

Na 2.^a parte há palavras que são correntes na fala ordinária, não somente na do quartel, por exemplo: *andar a toque de caixa, cabelo à escovinha*; contudo saíram dêle. *Chanfalho* nesta parte e *bife* na primeira, pertencem do mesmo modo ao léxico usual. Alguns vocábulos são iguais no segundo vocabulário e no primeiro: bastava fazer uma referência para evitar repetições.

A 3.^a parte, apesar de frases comuns à boa linguagem geral, por exemplo: *levar à glória, estar a nadar*, confesso que depõe pouco a favor dos *meninos da Luz*, como o meu amigo denomina os alunos do Colégio Militar: há nela termos grosseiros, sem a frescura espiritual que seria de esperar de gente môça, educada e culta. O vício de fumar tem nada menos de oito disfarces, numa breve lista de 121 dicções! Como do estudo da linguagem se conhece bem o viver de uma sociedade, por pequena que seja! Sem embargo do

que alego acima, chamarei ainda assim a atenção para dizeres felizes do vocabulário do Colégio Militar, como: *subir com o carro a andar*, por entrar para a forma, indo já os outros em marcha, e *náufrago*, por pedaço de frango numa canja (o que faz pensar naquilo de Vergílio: *rari nantes in gurgite vasto*). Aqui revela-se o apetite de mimos que no Colégio não abundarão; ali a constante ideia da saída para a liberdade!

E bastará. Receba o meu amigo sinceras felicitações pelo seu útil trabalho.

• Campolide, 19-II-1926.

